

A Bíblia laica: recepção aos textos misóginos e homofóbicos nos paratextos da Bíblia de Lourenço

The secular Bible: the receptions to the misogynic and homophobic texts in the paratexts of the Lourenço's Bible

*Anderson de Oliveira Lima*¹

Resumo

Pela análise dos paratextos inseridos por Frederico Lourenço em sua nova tradução da Bíblia grega procuramos averiguar como reage o linguista português a algumas famosas passagens de explícito caráter misógeno e homofóbico que são parte dos cânones do Novo Testamento e da Septuaginta. Apresentando a obra ao leitor brasileiro, o artigo trata indiretamente das peculiaridades dessa nova tradução e das virtudes de uma Bíblia que, tanto em sua edição brasileira quanto na portuguesa, se apresenta ao leitor como instrumento literário de intenções acadêmicas e laicas.

Palavras-Chave: Frederico Lourenço; Tradução bíblica; Estética da recepção; Homofobia na Bíblia; Misoginia na Bíblia.

Abstract

Studying the paratexts inserted by Frederico Lourenço in his new translation of the Greek Bible, we tried to find out how the Portuguese scholar reacts to famous texts that shows some explicit misogynic and homophobic features and that are inside of the canonical collections of the New Testament and Septuagint. Introducing this great work to the Brazilian reader, this paper is going to deals indirectly with the peculiarities of this new translation and the virtues of a Greek Bible that, both in Brazil and Portugal, presents itself to the reader as a literary tool with academic and secular intentions.

Key-words: Frederico Lourenço; Biblical translation; Reader response criticism; Homophobia in the Bible; Misogyny in the Bible.

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP.

Introdução

Nos últimos anos temos dedicado nossos esforços de pesquisa à análise da produção literária do linguista português Frederico Lourenço.² Nosso interesse se concentrou especialmente sobre a tradução da Bíblia grega para a língua portuguesa, obra em seis volumes que, pela primeira vez, traz os textos da Septuaginta para os leitores da nossa língua. A Bíblia de Lourenço, como a temos chamado, tem sido publicada no Brasil pela editora Companhia das Letras desde 2017 e, além de exibir um perfil *laico*, apresenta inúmeras virtudes que a tornam digna de ser eleita como objeto de nossas atuais investigações. A tradução, por exemplo, realizada por um linguista experimentado que, dentre outras obras, já nos ofereceu uma excelente versão da poesia homérica (HOMERO, 2011, 2013), é surpreendentemente literal e livre das tradicionais interferências religiosas que em geral mediam (e condicionam) a relação entre os leitores e os manuscritos. À tradução, ademais, é acrescentado um grande volume de notas e introduções eruditas que debatem questões históricas relacionadas aos livros bíblicos e discutem particularidades das palavras gregas (FUNARI, 2008, p. 220-221).

Como resultado dessa longa pesquisa, temos produzido um bom número de artigos acadêmicos que tratam da tradução, dos diferentes tipos de paratextos incluídos ao redor do texto bíblico, da materialidade do livro em suas edições portuguesa e brasileira, das especificidades relativas à escolha do texto crítico em grego que se está a traduzir, da presença do autor e sua obra nos jornais e revistas, de outras produções literárias de Frederico Lourenço etc. Nesta ocasião, todavia, nosso interesse se voltará, mais diretamente, para a recepção.

A pergunta que agora nos motiva é pelo modo como este linguista, professor, poeta, romancista etc. lida com algumas passagens bíblicas que, aos olhos dos leitores modernos, costumam soar moralmente *desconfortáveis*.

² A pesquisa foi acolhida como projeto de pós-doutorado na área dos Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pelo *Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas* (DLCV) da *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* (FFLCH) da Universidade de São Paulo em março de 2019 e tem sido desenvolvido, desde então, com o imprescindível apoio da CAPES.

Estreitando nossos horizontes, delimitando nosso objeto para tornar viável a análise, optamos por lidar com alguns poucos excertos textuais que são exemplos marcantes da cultura *misógina* e *homofóbica* dos antigos escritores bíblicos. Em termos metodológicos, visitaremos essas limitadas amostras e nos concentraremos nos paratextos produzidos por Frederico Lourenço para extrair deles alguma compreensão sobre seus pontos de vista e avaliar, ainda que superficialmente, o *modus operandi* dessa Bíblia laica quando o conteúdo que se apresenta desafia o senso crítico e a sensibilidade do leitor interessado a quem a obra se destina.

De modo introdutório, apresentamos-lhes o *problema* de nossa investigação através da leitura de algumas linhas da *Nota introdutória aos Salmos*, paratexto inserido no quarto volume (2º tomo) da Bíblia de Lourenço, até agora só disponível em edição portuguesa: Neste paratexto, Frederico Lourenço nos ajuda a antecipar a discussão por criticar o texto “branqueado” que é lido nas igrejas cristãs atualmente, se referindo à leitura seletiva praticada pelos religiosos “que leva a que alguns versículos incômodos nunca vejam, liturgicamente, a luz do dia” (BÍBLIA, V. IV, T. 2, 2019, p. 21).

Nessa crítica às atuais práticas religiosas de leitura o autor faz rápida referência ao primeiro versículo dos salmos, onde lemos: “Bem-aventurado homem, que não caminhou com conselho de ímpios...”. O que se busca destacar é o fato de que as mulheres estão excluídas dos horizontes do escritor bíblico e suas exortações, e para que não permaneçam dúvidas quanto a isso, afirma-se que “as três línguas antigas [hebraico, grego e latim] também tinham uma palavra para ‘homem’ no sentido abrangente de ‘ser humano’”, o que comprova a intencionalidade do escritor bíblico na exclusão das mulheres em suas considerações (BÍBLIA, V. IV, T. 2, 2019, p. 23). Em nota, o tradutor ainda acrescenta um exemplo do *branqueamento* desse texto ao mencionar uma moderna tradução para a língua inglesa que troca o singular “homem” por um pronome mais *inclusivo* (*those* = aqueles), postura que também se observa na leitura da *Nova Versão Internacional* (NVI), em língua portuguesa.

O que queremos colocar diante dos olhos do leitor de antemão é que Frederico Lourenço, quando tem diante de si um problema dessa ordem – em que se chocam de maneira dificilmente conciliável a “mundividência patriarcal do AT” e o conjunto de valores morais que parecem *naturais* ao leitor do século XXI –, opta por deixar às claras as enormes distâncias que separam o antigo enunciado dos leitores modernos, nunca seguindo o hábito (comum aos tradutores e editores religiosos) de procurar poupar a reputação do texto bíblico por meio de artifícios linguísticos que o suavizam. Ao contrário, já nessa *Nota introdutória* são citados exemplos em que os Salmos bíblicos justificam o ódio, alimentam desejos de vingança, anseiam pela morte dos inimigos etc. Lourenço elege, diante de tais passagens, uma prática de leitura que se julga “mais lúcida”, que entende que os Salmos nos dão amostras da natureza humana “como ela é”, e não exemplos daquilo que deveríamos ser (BÍBLIA, V. IV, T. 2, 2019, p. 21).

Para este estudo decidimos nos concentrar sobre dois temas bastante delicados com os quais os leitores da Bíblia sempre precisam lidar, seja assumindo uma posição fundamentalista na defesa das páginas que rotularam como *Palavra de Deus*, seja pela repulsa radical ao modo de pensar dos antigos escritores. Conheceremos a recepção de Frederico Lourenço por meio de seus paratextos, atentando para suas observações relativas a passagens bíblicas que exibem concepções hoje consideradas misóginas e homofóbicas. Dar-se-á preferência, evidentemente, aos chamados paratextos que Gerard Genette chamou de *peritexto*, conteúdos que se encontram no interior do próprio livro, ao redor do texto, tais como os prefácios, introduções, notas de rodapé, títulos etc. Em menor medida, contudo, também abordaremos alguns *epitextos*, averiguando o que o autor possa ter dito sobre os textos bíblicos – de maneira direta ou indireta – através de materiais extrínsecos à nova versão da Bíblia grega (GENETTE, p. 2018, p. 14).

Laurenço e a misoginia da Bíblia grega

Sabe-se bem que, de um modo geral, o posicionamento dos autores bíblicos em relação às mulheres – em consonância com a cultura de seu tempo e lugar – soa constrangedoramente misógino aos ouvidos modernos. Ao longo das páginas bíblicas as mulheres são culpadas pelos males do mundo, aconselhadas a que aceitem um estado de sujeição, consideradas prejuízos à economia da família, ameaçadas de repúdio pelos maridos, punidas quando estupradas, responsabilizadas quando estéreis etc. Já se observou que as mulheres israelitas chamavam seus maridos de *amo* ou *senhor*, exatamente como deviam fazer os escravos a seus senhores, ou os súditos a seus reis, e que o Decálogo conta a mulher entre as posses de um homem do mesmo modo como se refere a terras, escravos e bois (DE VAUX, 2004, p. 62). Também se sabe – e os textos bíblicos nos facilitaram o acesso a tais conhecimentos – que às mulheres não era concedido o direito ao divórcio, que elas não eram oficialmente herdeiras de seus maridos caso não lhes gerassem descendentes machos, que eram passadas ao irmão mais novo para permanecer na família quando seus maridos faleciam, e que a situação econômica das viúvas as colocava na classe dos mais carentes.

Para os textos do Novo Testamento, escritos sob a égide do helenismo imposto pelo imperialismo romano, a compreensão do papel da mulher depende de maneira mais direta do conceito de *família*, instituição cultural do mundo romanizado que tinha no *chefe da casa* (*oikodespotes*) sua figura central. O *oikodespotes* tinha direitos ilimitados sobre todos os demais membros da família (esposa, filhos, escravos...) (ALFÖLDY, 1989, p. 21) e, a despeito do papel importante que podiam desempenhar as mulheres no âmbito privado, na administração da economia doméstica e na educação dos filhos (STEGEMANN, STEGEMANN, 2004, 415-417), não se pode olvidar o fato de que “Ser mãe de família constitui uma honrosa prisão...”, e que a relativa liberdade das mulheres das classes mais elevadas derivava, frequentemente, do desdém dos maridos

que, envolvidos com a vida pública, só desejavam que elas não interferissem em seus negócios (VEYNE, 2009, p. 77, 223)

Os textos bíblicos, como extratos de velhos pontos de vista masculinos lançados sobre as sociedades antigas, exprimem aqueles antiquados patriarcalismos de maneiras que nos parecem mais ou menos escandalosas e forçam os leitores de todas as gerações a tomar posição, coisa sempre dificultada pela mediação cultural-religiosa que se impõe sobre qualquer manuseio do livro que se convencionou denominar *sagrado*. Nossa investigação passará, nas próximas páginas, a visitar algumas dessas passagens para que vejamos os posicionamentos do tradutor e comentador Frederico Lourenço diante dessas heranças literárias ideologicamente incômodas:

Incômoda, aliás, é a palavra que o próprio Lourenço usa para se referir à leitura de algumas linhas das Cartas Pastorais:

[...] à luz das noções contemporâneas daquilo que são os direitos humanos, a leitura das Cartas Pastorais – com sua misoginia insistente e ubíqua, a que se junta homofobia (1Timóteo 1,10), antissemitismo (Tito 1,10) e uma atitude lamentável em relação à escravidão – torna-se bastante incômoda. (BÍBLIA, V. II, 2018, p. 394)

Decerto, Lourenço tinha em mente, enquanto escrevia sobre a “misoginia insistente e ubíqua” das Cartas Pastorais, esta célebre passagem de 1Timóteo:

¹¹ Que [a] mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. ¹² Não admito à mulher que ensine, nem que exerça domínio sobre o homem; mas sim que se mantenha em silêncio. ¹³ Adão foi o primeiro a ser formado; depois Eva. ¹⁴ E Adão não foi enganado, mas foi a mulher que, deixando-se enganar, incorreu na transgressão. (1Timóteo 2.11-14)

Em nota sobre o “raríssimo” verbo grego *authentéô*, traduzido no versículo 12 por *exercer domínio*, o tradutor declara que seu sentido só é reconstituível a partir do uso de um substantivo (presente em Heródoto e Tucídides) do qual ele deriva, e afirma que “o significado do tal substantivo é ‘assassino’, donde se conclui que, no texto bíblico, “o imaginado domínio da mulher sobre o homem é, pelo menos no plano linguístico, intuído como uma forma de assassinato”

Religare, ISSN: 19826605, v.18, n.1, julho de 2021, p.165-181
(BÍBLIA, V. II, 2018, p. 401). Ou seja, a nota do tradutor sobre a peculiaridade do verbo grego serve apenas para tornar mais patente a misoginia já bem visível do conhecido texto bíblico.³

Quanto à misoginia da carta deuteropaulina (1Timóteo 2.13-14), que culpabiliza a mulher pelo pecado original através de Eva – ideia que alimentou a teologia misógina dos cristianismos de todas as eras – é comum ouvirmos dizer que ela descende do livro conhecido como Eclesiástico. Escrito em gênero sapiencial, esta obra teria sido escrita por Jesus Ben Sira em hebraico no século II a.C., entre os anos 190 e 175; posteriormente, o livro teria sido traduzido para o grego pela pena do neto do autor (que lhe acrescentou um prólogo) por volta de 132-117 a.C. Pois bem, é este Eclesiástico o texto mais antigo em que se pode ler que a origem de todos os males está na ação de uma mulher:

²⁴ De uma mulher [veio] o princípio do erro
E por causa dela todos morremos.

²⁵ Não dês à água uma saída;

Nem dês liberdade de falar a uma mulher iníqua.

²⁶ Se ela não caminhar segundo [mandam] as tuas mãos,
Corta-a das tuas carnes. (Eclesiástico 25.24-26)

A respeito de tais linhas bíblicas, duas notas são acrescentadas ao rodapé pelo tradutor da Bíblia grega: Uma menciona apenas o uso da voz passiva pela versão latina da Vulgata na tradução, e reafirma as semelhanças que aproximam tal passagem ao que se lê em 1Timóteo 2.14. A nota do tradutor ainda faz rápida justiça à memória do apóstolo Paulo nos lembrando de Romanos 5.12, passagem de uma carta autenticamente paulina em que Adão também é responsabilizado na leitura do mito do *pecado original*. A outra nota, mais interessante para nossos propósitos, apresenta uma paráfrase um tanto quanto irônica ao versículo 26: “Se

³ A ordem para que as mulheres permanecessem caladas na *ekklesia* – que está em consonância com o papel social das mulheres no antigo Mundo Mediterrâneo urbanizado, em que era-lhes proibido participar das assembleias da pólis (STEGEMANN, STEGEMANN, 2004, 444-446) – está espelhada na carta paulina de 1Coríntios 14.34-35. Na versão de Frederico Lourenço, esse texto diz: “que as mulheres estejam caladas nas assembleias [...] Se quiserem aprender alguma coisa, perguntem em casa aos seus maridos. Pois é vergonhoso para uma mulher falar na assembleia”.

a pancada que lhe dás não for suficiente para a endireitar, divorcia-a” (BÍBLIA, V. IV, T. 1, 2018, p. 328).

A propósito, é provável que o exemplo mais explícito da cultura misógina preservada nas páginas dos textos bíblicos seja a que nos chega por meio de outra passagem do mesmo Eclesiástico (cap. 42, versículos 9-10 e 13-14):

⁹ Uma filha é um insónia oculta para o pai;
E ansiedade a respeito dela tira o sono.
Na juventude dela, [a preocupação é] que não ultrapasse o prazo
[de encontrar marido];

Já casada, que não seja odiada;

¹⁰ Enquanto for virgem, que não seja desflorada

E engravide em casa do pai;

Já com um marido, que não seja transgressora;

Casada, que não seja estéril.

¹¹ Vigia severamente uma filha atrevida,

Para que ela não faça de ti a chacota dos teus inimigos,

[E não se torne alvo de] falatório na cidade e seja convocada pelo povo,

Assim envergonhando-te numa multidão numerosa [...]

¹³ Pois das roupas vem a traça;

Da mulher vem a maldade feminina.

¹⁴ É preferível a maldade de um homem a uma mulher que pratica o bem;

Uma mulher passa vergonha até a repreensão.

O texto nos deixa ver como alguns homens podiam encarar negativamente a sorte de terem gerado filhas (ao invés de filhos), como sobrevalorizavam a virgindade, como pesava-lhes os cuidados com os acordos matrimoniais, como era indesejável a condição de solteira para uma mulher madura, como era vergonhoso (apenas para a mulher e para sua família) o estado de uma mulher divorciada (repudiada), como pesava sobre a mulher o fato de seu gênero lhe colocar sob ameaça de estupros, como era grande a exigência moral posta sobre a mulher por toda a vida etc. Para essa passagem de rara exposição misógina Lourenço acrescentou a seguinte nota: “42:9 ‘odiada’: eufemismo para ‘divorciada’. A ideia da filha como “desgraça do pai” entronca na misoginia típica deste livro, que tem a sua expressão mais desagradável nos vv. 13-14 do presente capítulo”.

O tradutor, como se vê, não deixa de dar destaque à misoginia das páginas bíblicas por meio de paratextos (notas e introduções) que, apesar de polidos, não escondem completamente sua discordância. Lourenço, de fato, não cria a leitura misógina, não dá ao texto sua interpretação pessoal, mas, como leitor e produtor de uma tradução bastante literal, deixa que o texto seja conhecido, permite que fique mais explícita a distância ideológica que há entre o mundo bíblico e nossas axiologias contemporâneas, entre as culturas patriarcais que marcaram a escrita de cada um dos textos do cânone e nossos ideais de igualdade representados (de modo extremamente influente, mas não unânime) por documentos normativos como a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

Reações às passagens homofóbicas da Bíblia grega

Muitos dos textos bíblicos mais influentes no *controle* das relações homossexuais nas comunidades religiosas estão na Torá. Contudo, ainda não temos a tradução de Lourenço dos textos do Pentateuco e não é possível tratar do que ele teria a dizer (nos paratextos de sua Bíblia) sobre o mito de Sodoma e Gomorra em Gênesis 19 ou sobre Levítico 18.22, que trata as relações sexuais entre homens (nas quais as *sementes* humanas são desperdiçadas)⁴ como abominações. Também não sabemos ainda o que pensa o linguista português quanto a Deuteronômio 22.5, texto que proíbe que homens vistam roupas femininas e vice-versa, ou, em termos atuais, proscreeve o *cross-dressing*.

Porém, sabemos o suficiente para começar nossa análise por meio do que declara o autor em *O livro aberto: leituras da Bíblia*: Ao final de um ensaio em que trata de sua relação, como leitor, com essa literatura religiosa milenar, Lourenço explicita sua sexualidade e nos concede informações valiosas sobre seu modo de lidar com passagens homofóbicas e rigorosas da Torá:

⁴ Robert Alter sugere, nos comentários que faz ao rodapé de sua tradução da Bíblia, que este é o raciocínio implícito nas proibições da Torá quanto às relações sexuais entre homens; e acrescenta que o “Lesbianismo, que certamente deve ter sido conhecido no antigo Oriente Próximo, não é mencionado em parte alguma, talvez porque não envolve nenhum desperdício de semente [...]” (ALTER, 2019, p. 429).

[...] apesar de saber que “se um homem coabitar sexualmente com um varão, serão os dois punidos com a morte” (Levítico 20:13), não é por isso que me vou separar do meu marido. Mais importante ainda: mesmo não acreditando que a Bíblia transmita “sem erro” a palavra infalível de Deus e duvidando, ao mesmo tempo, que a correta leitura da Bíblia seja relativizar e alegorizar tudo o que lá encontremos que não nos convém, mesmo assim considero o tempo gasto a ler este mais fascinante de todos os livros tempo ganho e (por que não?) infalivelmente bem empregue. (LOURENÇO, 2017, p. 19-20)

Lembramo-nos ainda das escolhas feitas por Frederico Lourenço para a composição de seu romance intitulado *Pode um desejo imenso* (2015). A narrativa, sem nenhum acaso, tem como protagonista Nuno Galvão, um bem conceituado acadêmico de Lisboa, especialista em literatura camoniana, escritor de poesias, músico amador, que vai aos poucos admitindo (para si e para a sociedade) sua identidade homossexual enquanto aprende a lidar com todas as consequências dessa virada.

O tema da homofobia bíblica é, supõe-se, sensível ao tradutor da Bíblia grega e isso faz crescer nossa curiosidade quanto a seu posicionamento diante de algumas passagens que hoje, inegavelmente, classificaríamos como explicitamente homofóbicas.

Quando se está a ler o Novo Testamento – este sim legível junto às notas de Frederico Lourenço –, temos ao fundo o trânsito interdiscursivo de valores culturais em conflito, posto que esta literatura veio ao mundo em meio a culturas helenizadas que lidavam com o sexo de modo muito diferente daquele que se tinha como ideal nos textos moralizantes da cultura judaica. As relações entre pessoas do mesmo sexo não eram, para os romanos, algo de todo condenável. Sabe-se que era reprovável, para os homens, a adoção de comportamentos que eram tidos como *naturais* para as mulheres, e que se via muito negativamente a participação *passiva* de um homem livre numa relação homossexual:

Ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro passivo; havia, pois, duas infâmias supremas: o macho que leva a fraqueza servil a ponto de colocar a boca a serviço do prazer de uma mulher e o homem livre que não se respeita e leva a

passividade (*impudicitia*) ao ponto de se deixar possuir. (VEYNE, 2009, p. 185)

Por outro lado, era comum que um *chefe de família* (*oikodespotes*) mantivesse a *posse* de um menino escravo, um *preferido* que, exibindo especial beleza e longos cabelos podia, dentre outras coisas, servir sexualmente a seu senhor até que a idade lhe impusesse traços masculinos mais definidos, quando este afeto singular se tornava socialmente escandaloso (VEYNE, 2009, p. 80-82).

Certamente foram muitos os conflitos causados pelo choque da purista cultura judaica que, na diáspora, em grandes cidades helenizadas, era marginalmente forçada a conviver com os *ímpios* praticantes dessas formas variadas de relações físicas. Em decorrência disso, algumas passagens do Novo Testamento seguem nos surpreendendo ao tratar de maneira inegavelmente pejorativa as práticas sexuais dos tais *gentios* e *pecadores*, passagens cujos reflexos ainda suscitam preconceitos e violência ao sustentar, no imaginário popular e no pensamento religioso fundamentalista (pautados em dogmas que limitam qualquer discussão a oposições binárias do tipo corpo e alma, sexo e gênero ou livre-arbítrio e determinismo), a ideia de que o corpo é um objeto passivo cuja identidade sexual pode ser determinada exclusivamente por decisões de ordem moral e religiosa.

Os textos do Novo Testamento que importam à presente investigação são encontrados principalmente nas cartas paulinas e deuteropaulinas, começando por Romanos 1 que, no versículo 27, diz: “e do mesmo modo também os machos, rejeitando o uso natural da fêmea, abrasaram-se no desejo de uns pelos outros, machos nos machos praticando o indecoroso...”. Depois, a mais famosa passagem a respeito dessa temática deve ser a que se lê em 1Coríntios 6.9, que nega a entrada no reino de Deus aos “afeminados” e aos “homens que se deitam com homens”. Estas palavras serão mais tarde retomadas na pseudoepigráfica

primeira carta a Timóteo, que inclui os “machos que se deitam com machos”⁵ no catálogo de malquistos como homicidas, traficantes de escravos, sacrílegos, perjuros etc. (1Tm 1.10).

As primeiras palavras de Frederico Lourenço a respeito das citadas passagens são de caráter interpretativo. Ele apresenta sua leitura geral sobre a opinião do apóstolo Paulo quanto ao sexo na *Nota introdutória à Carta aos Romanos*:

[...] estão [...] equivocados os argumentos de cristãos progressistas que tentam compatibilizar homossexualidade e cristianismo (apelando à ideia de que Paulo não estava condenando aquilo que entendemos hoje por homossexualidade) [...] Em suma: para Paulo, a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo é péssima. Mas – se isso servir de algum consolo para cristãos homossexuais – a atividade sexual entre pessoas de sexo oposto não é, sob o prisma apocalíptico do primeiro cristianismo, muito melhor [...] O que Paulo ensinou basicamente sobre sexo é que o tempo para sexo já passou. (BÍBLIA, V. II, 2018, p. 155-156)

Dessas linhas, nos pareceu curioso o fato de Lourenço pressupor, entre seus leitores (implícitos), cristãos homossexuais que tentam compatibilizar sua sexualidade com o texto bíblico e que, por isso, precisam de algum consolo pelos prováveis incômodos que tais leituras lhes impõem. Sua opinião é a de que a homossexualidade não pode ser harmonizada aos textos paulinos por um leitor capaz e honesto, e isso ele demonstrará por meio dos paratextos que produziu para esclarecer o significado dos textos bíblicos em seu idioma de origem.

Com efeito, são extensas as notas que acompanham a tradução de Romanos 1.27 na Bíblia de Lourenço. A maioria delas possui caráter estritamente linguístico, não exprimindo qualquer posicionamento pessoal quanto à homossexualidade, mas reforçando a radicalidade do próprio texto bíblico em grego e a já defendida incompatibilidade entre homossexualidade e cristianismo (paulino). Convidamos-lhes à leitura de alguns excertos:

⁵ O termo grego empregado para se ferir aos “machos que se deitam com machos” é, segundo o próprio Frederico Lourenço, *arsenokoítai*, um substantivo composto por *ársên* (macho) e *koítê* (cama ou coito) (BÍBLIA, V. II, 2018, p. 233).

1,27 “machos nos machos”: a expressão em grego, *ársenes en ársenin*, une-se à palavra para “homossexual” usada por Paulo em 1 Coríntios 6,9, *arsenokoítai* (“machos que se deitam com machos”) [...] – “indecoro”: a palavra *askhêmosúnê* tem aqui uma conotação sexual (cv. Apocalipse 16,15, em que *askhêmosúnê* refere claramente os órgãos genitais) [...] – “equivoco”: Paulo apelida a homossexualidade masculina de *plánê* (literalmente, “errância” mas também em sentido figurado “devaneio”). A palavra constitui o substantivo referente ao verbo *planáô* (“andar errante”, “andar equivocadamente”), que reconhecemos na palavra “planeta” (astro errante, por oposição a astro fixo). Errância liga-se logicamente a “erro”; e “erro” a “equivoco” – e é nesse sentido que *plánê* é usado em vários outros textos do corpus epistolográfico do NT. (BÍBLIA, V. II, 2018, p. 165-166)

É com o mesmo propósito que foram produzidos os paratextos que estão anexados a 1Coríntios 6.9. Desta feita, além das observações linguísticas, há um conteúdo de caráter sócio-histórico que, de maneira prolixa (para uma nota de rodapé), Frederico Lourenço se utiliza para oferecer maiores esclarecimentos sobre a aparente redundância que o texto paulino comunica ao leitor moderno:

6,9 “nem afeminados (*malakoi*), nem homens que se deitam com homens (*arsenokoítai*)”: essa lista dos excluídos do reino de Deus tem levantado uma discussão infundável [...] Para a maior parte dos críticos, não há dúvida de que, com os termos *malakoi* e *arsenokoítai*, Paulo está se referindo a pessoas do gênero masculino praticantes de sexo homossexual. Mas por que os dois termos? Por que *malakoi* (literalmente, “moles”, “delicados”) como categoria diferente de *arsenokoítai* (“machos que se deitam com machos”)? Aqui é fundamental percebermos o enquadramento greco-romano, no âmbito do qual não recaía opróbrio sobre um homem que, na qualidade de penetrador ativo, usasse sexualmente outro homem, ao passo que recaía a maior condenação sobre o homem que se deixava penetrar [...] Portanto, para gentios ex-pagãos, como eram os membros da congregação cristã de Corinto, seria natural que homens dados à prática da homossexualidade passiva fossem alvo de condenação. Já não seria tão óbvia a ideia de que também os clientes dos prostitutas ou donos que abusavam sexualmente dos seus escravos estivessem sujeitos à mesma censura. Assim, não é por acaso que Paulo diferencia os dois comportamentos homossexuais e sublinha que ambos são igualmente condenáveis. (BÍBLIA, V. II, 2018, p. 232-233)

Com isso, podemos concluir nossa breve análise dos paratextos de Lourenço relativos à homossexualidade concordando com o juízo emitido por Pedro Paulo Funari que, após avaliar o primeiro volume da Bíblia de Lourenço, concluiu que o texto da nova tradução nos toca especialmente por evitar uma tradução domesticada (FUNARI, 2018, p. 221). Mesmo quando o tema é a homossexualidade, podemos constatar que o tradutor é fiel ao propósito de produzir uma versão que quer “dar a conhecer o texto bíblico num formato que, tanto no que toca à tradução como aos comentários, privilegia de forma não doutrinária, não confessional e não apologética a compreensão do texto grego” (BÍBLIA, V. I, 2017, p. 18). A partir da leitura, caberá mesmo ao leitor decidir se acusará homossexuais de *pecado* e desobediência a Deus, se submeterá os princípios bíblicos à classe dos saberes históricos que, como meras curiosidades, são de pouco valor para a definição de suas próprias ações cotidianas, ou ainda se repudiará a Bíblia como livro insuportavelmente preconceituoso.

Considerações finais

Abordamos alhures a Bíblia de Lourenço sem fazer distinção entre as edições portuguesa e brasileira. Deveras, para os objetivos da presente investigação – que lidou com o posicionamento do autor/comentarista sobre algumas porções hoje tidas como misóginas e homofóbicas da literatura bíblica – essas edições não apresentam diferenças significativas. O ponto mais relevante, quanto a isso, é que fizemos uso do volume 4 em seus dois tomos, número que ainda não foi publicado no Brasil e que, pautando-nos na agenda seguida pela editora brasileira na produção dos primeiros três primeiros volumes, estão atrasados. Na verdade, não há qualquer garantia de que a Companhia das Letras seguirá com a publicação da coleção. Sabemos apenas que, de acordo com um

texto sobre a arte das capas brasileiras divulgado pela própria editora, previa-se originalmente a publicação de todos os seis volumes.⁶

Sem dúvida, nosso conteúdo seria mais relevante se o leitor brasileiro logo pudesse ter acesso facilitado aos novos volumes, mas é de se notar que a edição brasileira excluiu, desde o primeiro número, o *Plano completo da obra*, um paratexto que acompanha todos os números da edição portuguesa e que, de certa maneira, assegura ao leitor a publicação futura de uma obra em seis volumes. Ademais, já se poderia desconfiar de um possível cancelamento do projeto em caso de insucesso quando os editores brasileiros excluíram das capas (mas não das fichas catalográficas) a informação sobre o número do volume ou tomo, fazendo com que cada livro se apresentasse de forma autônoma.

Quanto à análise da recepção, estudo da maneira como Frederico Lourenço reagiu a alguns dos mais incômodos textos bíblicos em seus paratextos, o que concluímos é que o linguista português não confunde o Deus bíblico, personagem multifacetado, com aquilo que, porventura, possa ser objeto de sua devoção pessoal. Ele deixa isso bem claro quando diz, em *O livro aberto*, não tomar a sério o Deus de Números 21.35 (Deus que aprova o genocídio), preferindo atribuir seus traços violentos à mente humana. Aliás, nessas mesmas páginas Lourenço se declara agnóstico e dá preferência à “noção de que, se Deus existe, ‘quem ele é’ terá provavelmente de corresponder a uma realidade bem diferente daquela que imaginaram os autores da Bíblia” (LOURENÇO, 2017, p. 73).

Dessa *prática de leitura* resulta um conjunto textual único, uma Bíblia laica e acadêmica que possui, internamente, sua própria intencionalidade, seu próprio *modo de uso* ou, para empregar o conceito de Roger Chartier, seu próprio *protocolo de leitura* (CHARTIER, 2011, p. 20-21, 97). No fim das contas, esta é uma Bíblia

⁶ Leia o texto de Claudia Espínola de Carvalho intitulado *A arte da Bíblia*, publicado no *Blog da Companhia* em 2017, em que se demonstra a intenção de publicar todos os seis volumes da Bíblia de Lourenço: <http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/A-arte-da-Biblia>. Acesso em 26/03/2020.

muito apropriada para a execução do projeto da editora Companhia das Letras de “trazer ao Brasil um Bíblia que pudesse ser lida tanto por religiosos quanto por aqueles interessados em seu caráter literário”,⁷ projeto que atende de modo intencional (BÍBLIA, V. I, 2017, p. 18) à crescente demanda daqueles que procuram lidar com os textos bíblicos fora dos ambientes eclesiais, conscientes de que o momento atual exige do exegeta uma formação mais sólida nas variadas ciências da linguagem (NOGUEIRA, 2019, p. 177).

A Bíblia de Lourenço terá, por certo, lugar privilegiado na história da Bíblia em língua portuguesa e, partindo do pressuposto de que os significados de um texto não são imutáveis, mas variam de acordo com as formas que o texto recebe e de acordo com seus leitores em seus respectivos tempos e lugares (MCKENZIE, 2018, p. 83-84), parece seguro afirmar que Frederico Lourenço está contribuindo de maneira importante – por meio de sua tradução e releitura, e pelas novas aplicações que elas possibilitam – com a sobrevivência da clássica antologia religiosa dos judeus e cristãos no século XXI.

Por fim, esse processo muito singular de apreensão dos textos gregos do Novo Testamento e da Septuaginta proporciona as condições necessárias para o surgimento de uma versão bíblica que também parece ideal para o desenvolvimento de uma teologia bíblica, *prática de leitura* definida algures como uma abordagem que procura demonstrar, pela atividade exegética, a pluralidade de caminhos interpretativos possibilitados pelas características dos próprios textos bíblicos, donde se explicita a fragilidade de qualquer produção dogmática que se tenha feito a partir deles (LIMA, 2018).

REFERÊNCIAS

- ALFÖLDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
- ALTER, Robert. *The Hebrew Bible: a translation with commentary* (volume 1: the five books of Moses – Torah). New York/London: W; W; Norton & Company, 2019.

⁷ Conforme o texto já citado de Claudia Espínola de Carvalho, disponível em: <http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/A-arte-da-Biblia>. Acesso em 26/03/2020.

BÍBLIA, volume I: Novo Testamento: os quatro Evangelhos. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BÍBLIA, volume I: Novo Testamento: os quatro Evangelhos. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço – 2ª edição revista e aumentada. Lisboa: Quetzal, 2018.

BÍBLIA, volume II: Novo Testamento: apóstolos, epístolas, Apocalipse. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BÍBLIA, volume III: Antigo Testamento: os livros proféticos. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BÍBLIA, volume IV: Antigo Testamento: os livros sapienciais (Tomo 1). Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2018.

BÍBLIA, volume IV: Antigo Testamento: os livros sapienciais (Tomo 2). Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2019.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Bíblia. Novo Testamento, os quatro evangelhos. Traduzido do grego por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, 424 pp. ISBN9788535928815. Phaos – Revista de Estudos Clássicos, v. 18, n. 1, p. 119-122, 2018.*

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LIMA, Anderson de Oliveira. *Ateologia bíblica: convite a uma exegese laica. Cadernos de Fé e Cultura (PUC-Campinas), v. 3, n. 1, p. 57-65, 2018.*

LOURENÇO, Frederico. *Pode um desejo imenso*. Lisboa: Edições Cotovia, 2015.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e sociologia dos textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MILHAZES, Ana Catarina. *Bíblia – vol. I, Novo Testamento, os quatro evangelhos. Revista Pontes de Vista, nº 2; Cultureprint, 2017. Disponível em: <https://pontesdevista.wordpress.com/2017/01/18/recensao-a-frederico-lourenco-2016-biblia-vol-i-novo-testamento-os-quatro-evangelhos-lisboa-quetzal/#more-936>. Acesso em: 10/06/2019.*

MITCHELL, Margaret M. *Paul's letters to Corinth: the interpretative intertwining of literary and historical reconstruction*. In. SHOWALTER, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. *Urban religion in roman Corinth: interdisciplinary approaches*. Cambridge, Massachusetts: Harvard Theological Studies 53, 2005, p. 307-338.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O conceito de texto, contexto e de leitor na interpretação de textos religiosos: o caso da literatura bíblica. *Estudos de Religião*, v. 33, n. 3, p. 175-199, 2019.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

VEYNE, Paul. *História da vida privada, 1: do Império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Recebido em 31-03-2020.

Aprovado em 25-01-2021.